

## O DESEJO PELA PRAIA: REVISÃO DE OBRAS A RESPEITO DA HISTÓRIA DO LITORAL MODERNO BRASILEIRO

Recebido em: 08/03/2024

Aprovado em: 14/05/2024

Licença: 

*Nara Romero Montenegro*<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Campinas – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9630-2243>

**RESUMO:** Desejar a praia, as águas salgadas e quentes do litoral atlântico brasileiro, é um sentimento relativamente recente. A representação do litoral como destino do final de semana, de feriados ou de viagem de férias, com finalidades curativas, recreativas e de descanso emerge no final do século XIX e, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, no contexto de cidades brasileiras. Este artigo tem como objetivo analisar a conformação de novos sentidos atribuídos ao litoral, expressos na emergência de inéditas representações acerca desse espaço, assim como na ocorrência de práticas associadas ao divertimento, à educação e à saúde, por meio de uma revisão de literatura de obras que abordam o tema da história do litoral moderno. Foram considerados artigos, livros, capítulos de livros, bem como teses e dissertações produzidas no Brasil que se ocuparam desta temática, no recorte temporal entre 1850 e 1950. A análise da revisão é de caráter qualitativa e descritiva, com intuito de orientar uma discussão que reúna diversos contextos brasileiros, do norte ao sul, considerando suas especificidades e concomitâncias.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do litoral. Litoral brasileiro. Praia.

### THE DESIRE FOR THE BEACH: REVIEW OF RESEARCHES ABOUT THE HISTORY OF THE MODERN BRAZILIAN COAST

**ABSTRACT:** Longing for the beach, the warm, salty waters of the Brazilian Atlantic coast, is a relatively recent feeling. The representation of the coast as a weekend, holiday or vacation destination, with curative, recreational and rest purposes emerges at the end of the 19th century and, above all, in the first decades of the 20th century, in the context of Brazilian cities. This article aims to analyze the formation of new meanings attributed to the coast, expressed in the emergence of unprecedented representations about this space, as well as in the occurrence of practices associated with entertainment, education and health, through a literature review of works that address the theme of the

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Licenciada em Educação Física pela Unicamp. É integrante do FOCUS- Grupo de pesquisa sobre Educação, Instituições e Desigualdade da Unicamp.

history of the modern coast. Articles, books, book chapters, as well as theses and dissertations produced in Brazil that dealt with this topic were considered, in the time frame between 1850 and 1950. The review analysis is of a qualitative and descriptive nature, with the aim of guiding a discussion that brings together different Brazilian contexts, from north to south, considering their specificities and concomitants.

**KEYWORDS:** History of the coast. Brazilian coast. Beach.

## Introdução

Praias, baías, enseadas, penínsulas, ilhas são partes constituintes da história do Brasil colonial, afinal foi nesses locais que chegaram os colonizadores, onde instalaram-se os primeiros portugueses e erigiram as primeiras cidades brasileiras, fortes, fortalezas e outras estruturas militares e comerciais. O desejo, o anseio e o interesse pelo mar no sentido hedonista, entretanto, tardou séculos para se firmar na subjetividade dos que aqui chegavam e se fixavam.<sup>2</sup>

De fato, os dispositivos afetivos voltados ao litoral tardaram a se aflorar na história Ocidental, como investiga Alain Corbin (1989) em *Território do Vazio: a Praia e o Imaginário Ocidental*. A partir de uma análise acurada de obras de arte, como pintura e literatura, relatos de viagens e textos bíblicos, o autor reconstrói o surgimento do desejo pelo litoral ocidental, antes caracterizado como território do vazio, a paisagem desértica de uma praia, de vasto areal e de um oceano implacável.

A distância fundamentava-se na raiz religiosa do dilúvio bíblico punitivo. O caos, a falta de razão, as ondas infinitas que desconhecem o repouso associavam-se a sensibilidades repulsivas em relação às praias. Na Idade Média acrescentava-se os

---

<sup>2</sup> Deve-se sublinhar que, anteriormente a chegada dos colonizadores portugueses e mesmo após, a prática do banho de mar no sentido terapêutico e de divertimento já era comum entre determinadas comunidades indígenas, conforme Risério (2004, p.33): “Não é que a beira do mar não fosse povoada, percorrida ou visitada desde os primeiros dias coloniais. (...) Anchieta: os índios “são... como peixes no mar”. Os jesuítas, aliás, preferiam construir suas igrejas na vizinhança do mar, igrejas litorais, de modo que os índios pudessem se manter com suas próprias pescarias”. Este artigo delimitou-se, entretanto, a tratar o tema a partir da perspectiva “moderna”, a qual fundou o desejo contemporâneo pelas praias brasileiras, ligado ao lazer e turismo, na perspectiva ocidental.

medos da peste, das invasões, dos piratas e saqueadores. O mar trazia à tona o desconhecido, era a conexão com mundo selvagem ignorado (CORBIN, 1989).

A partir de meados do século XVIII, o autor identifica figuras iniciais de admiração, a partir da ascensão da teologia natural, baseada numa reeducação natural e na valorização da paisagem, que tornava o ambiente um espetáculo. Com a ascensão da vida urbana europeia, a busca por espaços de natureza é imbuída de um contorno terapêutico, em que cuidados corporais confundem-se com terapêutica da alma, fundamentados na ambiguidade dos significados desse espaço: “Assim se esboça o paradoxo sobre o qual se funda a moda da praia: o mar se faz refúgio, causa esperança porque causa medo” (p.74).

O pensamento médico científico, cada vez mais sistematizado, debruça-se nos elementos dessa paisagem sugerindo a prática regular de banhos salgados e frios, o frescor do ar, as caminhadas pelo areal, que estavam associadas a benefícios de cura de males do pulmão, de tonificação dos músculos, do tratamento da melancolia e até da melhora da fecundidade. Pouco a pouco, o território que era então vazio, torna-se prazeroso ao olhar e desejoso de um contato mais íntimo e hedonista.

No Brasil, nucleações iniciais de seu período colonial, como Salvador e Porto Seguro, o Recife e o Rio de Janeiro, embora fossem localizadas no litoral atlântico brasileiro, o interesse pelas praias devia-se sobretudo a sua função de transporte, uma vez que ligava a colônia à metrópole e, por meio de rios, conectava esse mesmo litoral à produção açucareira. Nesse litoral instalaram-se, sobretudo, estruturas portuárias, alfandegárias e pequenos comércios, bem como fortificações militares com finalidade de defesa. O interesse pelo litoral brasileiro era baseado em sua função utilitária atrelado ao seu papel de colônia, servindo as demandas da metrópole portuguesa.

No século XIX, um fato teria sido marcante: “a influência da cultura intelectual e material dos britânicos, da sua indústria, da sua técnica, das suas modas sobre a vida brasileira daquela época” (FREYRE, 2000, p.184). A abertura dos portos em 1808 teria aproximado parte do comércio nos entornos das alfândegas, isto é, nas proximidades da praia da capital do Rio de Janeiro e nas cidades do Recife e Salvador. Para além da economia, os costumes dos ingleses, identificados em sua maioria com hábitos burgueses, teria modificado também as estruturas da cidade, uma vez que preferiam residências mais isoladas “entre o arvoredo, como na Tijuca (Rio) ou na Vitória (Bahia); perto dos rios como eu Apipucos, no Monteiro, no Poço da Panela (Pernambuco); à beira-mar, como em Botafogo e Olinda.” (p.187). Além da proximidade dessas paisagens naturais, o banho de mar, higiênico ao mesmo tempo que recreativo, segundo o autor, teria se desenvolvido nessas cidades por grande influência dos hábitos ingleses.

Outro fator bastante mencionado em pesquisas a respeito das origens do desejo pelo litoral brasileiro, é a vinda da coroa portuguesa ao Rio de Janeiro também em 1808, e conseqüentemente, a importação de novos hábitos e costumes que uma corte mobilizava. Dom João VI, então príncipe-regente, aderiu a esta prática com fins terapêuticos e orientada por médicos da corte, após infecção ocasionada por picada de carrapato (CAMARGO, 2007; O’DONNEL, 2013).

Apesar dessas iniciativas terem sido emblemáticas para os entornos desses litorais mencionados, esses casos reverberavam ainda de maneira pontual, de forma que até o final do século XIX e começo do XX, representações da costa brasileira ainda estava associado à sua função militar, portuária, pesqueira e até local de dejetos, lixos, resíduos, quando não cemitério:

(...) faz pouco mais de um século que essas praias ilustres não eram senão imundície. Faz pouco mais de um século que nelas só se faziam atirar o lixo e o excremento das casas; se enterrar negro pagão; se deixar bicho morto; se

abandonar esteira de bexiguento ou lençol de doente da peste. (FREYRE, 1985, p.36)

No final do século XIX e início do século seguinte, um conjunto de fatores foram determinantes na apropriação da *praia como espaço de sociabilidade*, parafraseando Thales de Azevedo (1988). Para além da vinda da corte a então capital, Rio de Janeiro, o discurso médico alinhado com as prescrições do exterior, passaram a incentivar os banhos salgados. O movimento médico higienista defendia o benefício de uma vida ao ar livre, o ar puro, longe dos confinados urbanos (SOARES, 2016). Outros fatores como a expansão das cidades para além de sua nucleação central, ocupando novos bairros mais afastados, regiões de chácaras e praia, bem como o desenvolvimento de tecnologias de transportes, como bondes, ônibus e automóveis favoreceram a busca por espaços mais distantes para passear ou veranejar nas férias, feriados ou pequenas folgas.

A institucionalização de práticas recreativas, seja aquelas em entidades educacionais, pelo saber médico, militar ou mesmo os primeiros clubes esportivos náuticos e terrestres datam desse mesmo período. Essa conjuntura favoreceu o desejo pelo litoral, e não só o anseio, como também sua efetivação. Cidades como Recife, Fortaleza, Salvador, Florianópolis, Rio de Janeiro, Santos, Guarujá e cidades do Rio Grande do Sul, compartilham em menor ou maior nível da ocorrência desses fatores no encontro da cidade com suas praias.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar a conformação de novos sentidos atribuídos ao litoral, expressos na emergência de inéditas representações acerca desse espaço, assim como na ocorrência de práticas associadas ao divertimento, à educação e à saúde, por meio de uma revisão de literatura de obras que abordam o tema da história do litoral moderno. Foram considerados artigos, livros, capítulos de livros,

bem como teses e dissertações produzidas no Brasil que se ocuparam desta temática, no recorte temporal entre 1850 e 1950, período em que se iniciou o movimento de maior ocupação do litoral.

## **Metodologia**

A análise da revisão bibliográfica aqui proposta é de caráter qualitativa e descritiva, com intuito de orientar uma discussão que reúna diversos contextos brasileiros, do norte ao sul, considerando suas especificidades e concomitâncias. As origens e popularização da cultura praiana moderna foi estudado por alguns pesquisadores de áreas diversas, como História, Antropologia, Sociologia, Educação, Educação Física, Arquitetura e Urbanismo e Geografia, demonstrando a transversalidade do tema.

A busca pelos trabalhos se deu por meio da base de dados Periódicos Capes e buscas na plataforma Google Acadêmico utilizando-se os termos “história da praia”; “praia”, “história do litoral”, “litoral”, “vilegiatura”, “balneário”, “veraneio”, “banho de mar”. A pesquisa ocorreu entre os dias 3 de julho e 16 de dezembro de 2023. A partir dos resultados, considerou-se aqueles trabalhos sobre o litoral brasileiro, no recorte temporal entre 1850 e 1950 e que tematizassem o sentido social e recreativo das práticas litorâneas, excluindo-se, portanto, trabalhos de geografia física, biologia ou no sentido da praia como espaço laboral, de subsistência ou econômico.

Com base nos critérios aplicados no estudo, foram selecionados, portanto, para compor esta pesquisa 22 trabalhos de 19 autores, estudos publicados entre os anos 1988 e 2020, dentre eles 7 livros, um capítulo de livro, 4 teses de doutorado, 9 dissertações de

mestrado e um artigo<sup>3</sup>. A análise foi feita de modo qualitativo com intuito de reunir estudos que analisam a partir de seus respectivos conteúdos, bem como embasamentos teóricos diversificados, a formação de uma subjetividade que se expressa em novas práticas, hábitos e desejos pelas praias da costa brasileira.<sup>4</sup>

## Resultados e Discussão

Ao fazer um levantamento de pesquisas mais específicas sobre o litoral no recorte temporal que compreende a segunda metade do século XIX até 1950, encontramos uma quantidade razoável de publicações a respeito da costa brasileira. São pesquisas publicadas principalmente a partir do final dos anos 1980, intensificando-se a partir de 2011 (Figura 1).

**Figura 1:** Tabela do Período de Publicação

PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	(1988-2020)	
1988-2000	5 pesquisas	Azevedo (1988); Araújo (1989); Ferreira (1998); Melo (1999), Pinheiro (1999)
2001 - 2010	5 pesquisas	Melo (2001); Scrahmm (2001); Dantas (2002); Enke (2005); Araújo (2007)
2011-2020	12 pesquisas	Souza (2011); Ferreira (2012); Enke (2013); O'donnel (2013); Schossler (2013); Andrade (2015); Melo (2015); Terra (2016); Moraes (2017); Marino (2018)

Fonte: elaborada pela autora

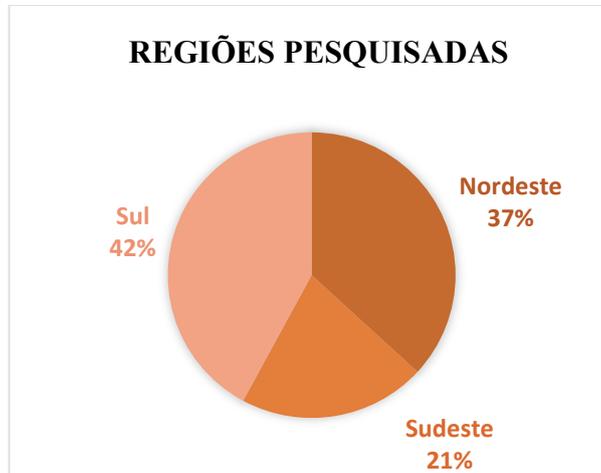
A respeito do recorte geográfico, reuniu-se pesquisas a respeito do litoral da região Sul e Sudeste do país, em especial nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (42%); São Paulo e Rio de Janeiro (21%). Na região Nordeste identificou-se

<sup>3</sup> Foram excluídos também artigos de autores que já haviam sido considerações em teses/dissertações ou livros, quando a temática era similar. Entendemos que as produções mais amplas eram mais apropriadas à análise qualitativa e descritiva aqui proposta.

<sup>4</sup> A análise desenvolvida compõe parte de estudo mais abrangente desenvolvido pela autora, que vem sendo trabalhada desde 2016, com estudos de iniciação científica, TCC, artigos, dissertação de mestrado e doutorado em andamento.

estudos, os quais abordavam o litoral do Recife e de Olinda, Salvador e Fortaleza, contabilizando 37% das pesquisas levantadas (Figura 2).

**Figura 2:** Gráfico das Regiões brasileiras pesquisadas



Fonte: elaborada pela autora

Embora as pesquisas tenham uma temática similar, os autores originam-se de áreas do conhecimento diversas, como História, Geografia, Sociologia, Arquitetura e Urbanismo, Antropologia e Educação/Educação Física<sup>5</sup> (Figura 3), tem metodologias e referências variadas e, cabe também ressaltar, tem problemas de pesquisa distintos.

**Figura 3:** Tabela das áreas de conhecimento de pesquisa

Área de Conhecimento	Quantidade
Antropologia	2
Arquitetura	2
Geografia	3
Educação/Educação Física	5
História	6

<sup>5</sup> A área de conhecimento de Educação e Educação Física foram agrupadas, pois trata-se de autores que se graduaram na área de Educação Física e foram desenvolver suas pesquisas de pós-graduação na área Educação, porém mantiveram-se vinculados a temáticas da educação física, como corpo, educação do corpo, esportes e práticas de lazer. São eles: Melo (1999), (2001), (2015); Freitas (2014); Terra (2016); Moraes (2017); Montenegro (2020).

<b>Sociologia</b>	2
-------------------	---

Fonte: elaborada pela autora

A análise dessas pesquisas nos ajuda a reconstruir um cenário de produções no campo das ciências humanas a respeito da temática aqui tratada. São estudos que nos apresentam diversas dimensões temáticas que suscitam a pesquisa do espaço litorâneo da costa brasileira, no recorte temporal delimitado.

Um dos estudos de maior profundidade sobre a temática do litoral e que inspira a grande maioria das pesquisas reunidas, é a obra do historiador francês Alain Corbin intitulada *Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental (1750-1840)*, publicada em 1988 na França. Já no ano seguinte, o livro foi traduzido para o português e editado pela Companhia das Letras. Grande parte das pesquisas sobre o litoral, reunidas neste artigo, fazem alusão a obra de Corbin, tornando-o uma referência comum e de importância inquestionável<sup>6</sup>.

Na segunda metade do século XVII o autor identifica fenômenos iniciais que iriam contribuir para o desejo pela beira-mar no século seguinte: a teologia natural, a exaltação das praias da Holanda e a moda da viagem clássica à baía de Nápoles. No século XVIII, com a ascensão da estética do sublime, uma categoria anterior ao Romantismo que desenvolve uma sensibilidade em relação a características ameaçadoras, agressivas e gigantescas da natureza, iria modificar a relação do ocidente com o litoral:

O banhista e os médicos concordam em exigir do mar três qualidades fundamentais: a frieza (ou pelo menos o frescor), a salinidade e a turbulência. (...) O banhista delicia-se ao experimentar as forças imensas do oceano. O

---

<sup>6</sup> Alain Corbin é um historiador francês que trouxe importantes contribuições à Nova História Cultural. Produziu trabalhos originais, definindo-se como historiador do sensível. Produziu trabalhos sobre história do olfato, da miséria sexual masculina, da paisagem sonora, do litoral, dentre outros (CORBIN, 2005). Deve-se ressaltar, contudo, que sua produção parte de uma perspectiva ocidental e que, portanto, deve e vem sendo relativizada nas produções mais recentes a respeito do litoral brasileiro.

banho nas ondas participa da estética do sublime: implica enfrentar a água violenta, mas sem riscos; gozar do simulacro de ser engolido; receber a vergastada da onda, mas sem perder o pé (CORBIN, 1989, p.85).

O Romantismo, no campo da estética, e o imperativo terapêutico, atrelada a uma racionalidade científica, no século XIX, foram ainda mais determinantes para aquilo que Corbin (1989, p.65) chama de “o despertar do desejo coletivo das praias” que se desenvolve nas cidades da Europa, em especial na França e Inglaterra.

No Brasil estudos apontam para pioneirismo do Rio de Janeiro na prática dos banhos de mar, devido a vinda da corte 1808 e adesão de hábitos europeus, bem como pela presença de imigrantes. Tendo como recorte temporal o século XIX, os trabalhos de Victor Melo (1999; 2015), os quais fazem uma transição do sentido terapêutico para o recreativo do espaço litorâneo, centram-se na história de dois esportes náuticos: o remo e a natação. O conjunto de pesquisas de Melo ajudam a pensar o fenômeno esportivo que vai, aos poucos, se inserindo também no litoral. Para Melo (2001), o remo pode ser considerado, junto ao turfe, um dos primeiros esportes no formato moderno a adentrar no Brasil, em especial na cidade do Rio de Janeiro, a então capital do país. A cidade já teria recebido o esporte no século XIX, e logo não demorou para o litoral ser também o espaço propício para cenário de práticas de caráter esportivo. O remo e a natação já se manifestavam no litoral fluminense na segunda metade do século XIX, influenciados pela difusão de um interesse mais abrangente pela beira-mar e pelos banhos de mar, ainda que tivessem caráter de práticas terapêuticas (MELO, 1999; MELO, 2015).

Dentre os motivos que facilitaram o desenvolvimento dos esportes náuticos, o autor identifica: preocupações com a saúde, a difusão dos banhos de mar, o cuidado com a segurança dos banhistas, a maior aceitação da exibição corporal e nova

compleição muscular, uma dinâmica pública mais intensa, bem como a valorização dos exercícios físicos.

Uma das praias mais famosas atualmente na cidade do Rio de Janeiro, Copacabana, entretanto, só teria despertado o interesse da população fluminense nos últimos anos do século XIX e início do XX, como indica o trabalho de Julia O'Donnel (2013). Na interface de duas áreas de conhecimento, antropologia urbana e história, a autora trabalha com fontes da literatura, da imprensa e imagens, destacando com atenção as práticas e os sujeitos no espaço litorâneo entre o final do século XIX e início do século XX. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*, tem como problema a formulação e a permanência do símbolo de distinção associado ao bairro litorâneo de Copacabana, “constituindo uma gama peculiar de culturas urbanas e estilos de vida ligados a um não menos peculiar conjunto urbanístico.” (p.15).

O'Donnel (2013) aborda desde as primeiras manifestações de interesses<sup>7</sup> pela faixa de litoral e pelo bairro de Copacabana na década de 1890, à invasão mais massificada de camadas sociais variadas na década de 1940. Temáticas diversificadas vão aparecendo em sua narrativa, algumas com mais centralidade e outras com menos: os banhos de mar, banhos de sol, turismo, jogos de aposta, vestimentas, relações entre grupos sociais distintos, esportes e ginástica, a natureza, clubes, etc. Todas essas questões vão despontando com o intuito de indicar os mecanismos de distinção, baseado num ideal de modernidade, operado naquele novo espaço.

---

<sup>7</sup> Deve-se ressaltar que Copacabana não foi a primeira praia a ser frequentada na cidade do Rio de Janeiro. Já no século XIX, Botafogo, Santa Luzia, Boqueirão do Passeio, Flamengo e outras praias mais próximas ao centro eram habitadas e frequentadas (AZEVEDO, 1988; O'DONNEL, 2013; MELO, 2015).

No litoral de São Paulo<sup>8</sup>, identificamos o trabalho de Vinicius Terra: *A invenção da Praia de Santos (1880-1940)*. Até o final do século XIX, o litoral de Santos aparecia de uma forma pouco atrativa na imprensa, associado principalmente as imundícies e acidentes. Aos poucos, essa praia lodosa e putrefata, vai sendo modernizada com as melhorias e reestruturação do porto, ainda no século XIX. Paralelamente, chácaras e habitações secundárias começam a ser construídas, como afirma o autor “contornado por hábitos burgueses” (TERRA, 2016, p. 215). As corridas de cavalo são as primeiras manifestações de divertimento organizadas por esses grupos, ocorrendo principalmente aos finais de semana. No mesmo período, banhos de mar passam a fazer parte da rotina de algumas famílias burguesas, endossados por uma literatura médica e científica brasileira que vê na água salgada e fria qualidades terapêuticas (TERRA, 2016).

No começo do século XX, Terra (2016) destaca a instalação de bondes elétricos e linhas que chegariam até a orla, bem como o aparecimento de hotéis de médio e grande porte, como importantes acontecimentos na direção do contorno de uma nova forma de relacionar-se com a praia. Clubes sociais e esportivos, que já vinham aparecendo no final do século anterior, consolidam-se na virada do século, juntando-se a outros que viriam a surgir. Como principais divertimentos, destacava-se a canoagem e o críquete. A partir da década de 1940, a praia passa por mudanças de sentido, em especial com o aparecimento de piscinas, que vão descreditar as funções terapêuticas e pedagógicas do mar.

A baixada santista, na então vila balneário de Guarujá, também foi tema de dissertação de mestrado de Carlos Marino (2018), acerca da vilegiatura marítima e a invenção do Guarujá, entre os anos de 1893 e 1913. O autor atribui essa “invenção” ao

---

<sup>8</sup> No litoral de São Paulo, Haroldo de Camargo em *Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*, fez referências também à criação de uma estância balneária no Guarujá, na última década do século XIX (CAMARGO, 2007, p. 307).

vínculo entre expansão territorial paulistas, os avanços tecnológicos, a diversificação de investimentos das elites do café com o trânsito de ideia entre o litoral brasileiro, a Europa e partes do Estados Unidos.

No litoral da região sul do país destacamos alguns trabalhos. No estado do Rio Grande do Sul, desenvolveu-se no seu litoral principalmente o hábito de veraneios, que consiste na prática de frequentar as praias em períodos de temperaturas mais elevadas. Essa forma de estruturar uma relação com o litoral intermitente, sem vínculos permanentes, afeta toda a lógica de sociabilidade que se dá naquele espaço, gerando muitas vezes uma dicotomia entre aqueles que tem moradia principal próximo ao litoral e aqueles que tem aquele espaço como moradia secundária.

A respeito do litoral da cidade de Rio Grande, há uma concentração de trabalhos, de diferentes áreas e períodos de produção, acerca do balneário Villa Sequeira, que depois veio a ser denominado balneário Cassino. Pinheiro (1999) tematizou a fundação desse balneário no final do século XIX, bem como sua expansão e transformação no decorrer do século XX. Rebecca Enke (2005) pesquisou em sua dissertação de mestrado a invenção desse novo lazer, litorâneo, também na transição dos séculos no mesmo balneário. Anos mais tarde, em sua tese de doutorado, a partir da perspectiva da história social, ampliou o recorte temporal tematizando a Villa Sequeira/Cassino, desde sua fundação até a década de 1960 (ENKE, 2013).

Acerca da mesma Villa Sequeira, Felipe Ferreira (2012) desenvolveu sua dissertação de mestrado voltado sobretudo para as práticas dos banhos de mar no contexto de fundação do balneário. O autor lança mão da história das sensibilidades, a partir de uma perspectiva da história cultural que se aproxima de Alain Corbin, ao analisar a vivenciar balnear rio grandense.

A mesma Praia do Cassino/Villa Sequeiro foi investigada também por Gustavo Freitas (2014), tematizando a construção das memórias acerca dos infames<sup>9</sup> no bairro-balneário do Cassino no começo do século XX, tendo como recorte analítico as práticas de divertimentos. Metodologicamente apoiado na perspectiva da história oral, realizou entrevistas com moradores do bairro, entre “famosos” e “infames”. Segundo Freitas (2014), os infames ou cassineiros atribuíam um sentido ao mesmo tempo laboral e de divertimento para as práticas realizadas na praia, distanciando-se daquele sentido terapêutico ou exclusivamente de lazer atribuído pelas elites que frequentavam o bairro de forma temporária, os veranistas. Afora isso, os infames tinham outras práticas no bairro, mas que não envolviam a praia: andar a cavalo, bailes, futebol, bares. A relação que estabeleciam com o litoral era bastante complexa, em que elementos do divertimento, da educação e do trabalho confundiam-se.

Ampliando o recorte geográfico acerca do litoral do estado do Rio Grande do Sul, a obra de Joana Schossler (2013) não se delimita a uma única cidade, mas no fenômeno do veraneio no litoral norte e sul do estado. Partindo do propósito terapêutico para o hedonista, as iniciais manifestações de entusiasmo pela beira-mar e a vilegiatura marítima no Rio de Grande do Sul teriam começado nas primeiras décadas do século XX. A autora destaca, no caso específico do estado do Rio Grande do Sul, a importância do pioneirismo dos imigrantes europeus (alemães, italianos, portugueses) e seus descendentes, seja nas primeiras expressões de interesse pelo litoral, seja no empreendedorismo, em especial no setor hoteleiro. Outros fatores, mais gerais, também são evidenciados como relevantes na difusão do interesse pelo veraneio e pela

---

<sup>9</sup> Apoiado em Michel Foucault, o termo escolhido por Freitas (2014, p.15) “é utilizado para identificar sujeitos sem fama, a todas as vidas que estão destinadas a transcorrer à margem de qualquer discurso tal como “existências-relâmpagos””. Em sua pesquisa, os infames são representados pelos sujeitos de camadas populares, como pescadores, empregadas domésticas, pedreiros, mecânicos que viviam permanentemente no bairro do Cassino.

vilegiatura marítima: o discurso médico que identifica o mar como cura e refúgio dos males modernos, o direito a férias conquistado na década de 1930, o desenvolvimento de tecnologias de transportes, bem como o processo de urbanização nas praias balneárias.

Em Santa Catarina, ainda na região sul do país, identificou-se a pesquisa de Sérgio Luiz Ferreira (1998) intitulada *O banho de mar na ilha de Santa Catarina*, que tem como objetivo “perceber o processo de implantação do desejo coletivo de estar à beira-mar em Florianópolis, bem como o surgimento da concepção do mar como local de banhos” (FERREIRA, 1998, p.17). O historiador analisa como fontes os jornais da cidade de Florianópolis dos meses de janeiro e fevereiro, período característico das práticas de veraneio. De acordo com o autor, os diversos sentidos atribuídos a prática do banho de mar foram se transformando. A prática, que era proibida no século XIX pelo código de posturas da cidade, é analisada em sua obra até transformar-se em elemento central nas atividades de turismo da década de 1960 e 1970, passando também pelo sentido terapêutico e divertimento das famílias no começo do século XX. Segundo Sérgio Ferreira, os banhos de mar tiveram papel importante na estruturação da cidade de Florianópolis e nos costumes, principalmente com sua difusão na década de 1930: “O banho de mar mudou a configuração da cidade, sua área de expansão, modificou a arquitetura e as direções das fachadas das casas, ditou novas modas e novos trajes, transformou mentalidades e hábitos, calou preconceitos arraigados e suscitou outros” (FERREIRA, 1998, p.19). O autor evidencia principalmente a prática dos banhos de mar, mas em sua pesquisa outras práticas aparecem de forma mais secundária: os piqueniques ou convescotes e as práticas esportivas, assim como no Rio de Janeiro, o remo e a natação.

Mais recentemente, a pesquisadora Claudia Moraes (2017), também se dedicou a investigar a relação da prática do remo com o processo de urbanização da cidade de Florianópolis entre 1857 e 1932. Segundo a autora, o remo era uma prática que ressignificava o litoral por meio de uma educação do corpo em consonância com o ideário moderno que aos poucos instalava-se na ilha.

Ainda sobre o litoral de Santa Catarina, *A invenção do litoral: reformas urbanas e a reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*, foi o título da dissertação do historiador Hermetes de Araújo (1989). Embora muito mais preocupado com as reformas urbanas e o reajustamento social do que com o litoral propriamente, esse trabalho tem como problema central a imagem que se forja do homem do litoral frente aos novos anseios de modernização latentes na Primeira República:

A partir da leitura social que passaram a impor, o habitante do litoral se configurava como o outro em relação aos valores, aos hábitos e às imagens pelas quais se modelavam as elites locais. E esse outro era construído, criado, inventado, como um tipo específico que seria portador de características essencialmente negativas, como a incapacidade, a indolência, a decência, o atraso etc., o que contribuiu fortemente para criar um campo de verdades e justificar os desejos de intervenção tutelar das elites, manifestados no período (ARAUJO, 1989, p.14).

Ainda que a proposta do autor não fosse entender a difusão de um interesse pelo litoral, iniciado nesse período, é muito possível que essa tenha sido a primeira pesquisa no Brasil – ou uma das primeiras – no campo da história abordar a formação do litoral moderno a partir de uma perspectiva das ciências humanas, já no final na década de 1980.

Nas produções acerca do litoral nordestino, identificamos obras a respeito do litoral das capitais de Pernambuco, Bahia e Ceará. No litoral de Pernambuco, destaca-se a extensa pesquisa da historiadora Rita de Cássia de Araújo sobre o litoral de Recife e Olinda. Fruto da sua tese de doutorado e amparada na história social, *As praias e o dias* tem como objetivo:

reconstruir e interpretar as formas de ocupação, os usos, e significados sociais atribuídos às praias do litoral pernambucano, em particular daquelas que estiveram sob influência direta da cidade de Recife. Nesta última, observamos precisamente as praias do Brum, do Pina e de Boa Viagem. Em Olinda, a ênfase da análise recaiu sobre as praias situadas no seu perímetro urbano ou que lhe ficavam próximas: praias do Istmo, Milagres, Carmo, São Francisco e Farol (ARAÚJO, 2007, p.15).

O recorte temporal compreende os anos de 1840 a 1940, período em que a introdução dos banhos de mar, sua difusão e a consolidação das praias como local de cura, recreio, repouso e convívio social se configuraram gradualmente. Segundo Araújo (2007), até meados do século XIX a preferência, nas cidades de Recife e Olinda, era pelos banhos de rio. No entanto, a autora destaca dois movimentos no final do século XIX que foram determinantes para a aproximação com o litoral: o reconhecimento de base científica e a difusão das virtudes terapêuticas das águas salgadas, bem como o crescimento urbano que iria ampliar a busca por locais além do perímetro central da cidade.

Na década de 1920, os ideais ligados as cidades balneárias se formam com mais consistência no litoral de Olinda e Recife, tendo sido, por exemplo, construída uma avenida beira-mar em Boa Viagem já em 1925. Na década seguinte, Araújo (2007, p.432) identifica como consolidado um modo específico e coletivo de vivenciar as praias:

Um modo que privilegiava as práticas culturais esportivas e recreativas, o descanso, a contemplação da natureza, os passeios a pé pela praia, os banhos de mar e os de sol, que facilitavam a formação de grupos de convivência e amizade. As praias tornavam-se, também, local privilegiado para exposições pessoais, para ostentar sinais de luxo e riqueza, de elegâncias, distinções e prestígios por parte daqueles que os detinham.

O litoral de Recife e Olinda, assim como o de muitas outras cidades costeiras do Brasil, se delineia como local de diversas práticas sociais, de encontros, conflitos, mas também como território do divertimento, da cura e de múltiplas pedagogias que

atribuíram ao corpo centralidade, reconhecidas como práticas do universo da cultura física.

O litoral da cidade de Salvador, na Bahia, é marcado pela especificidade de ser dividido em orla oceânica, aquela que se localiza defronte do Oceano Atlântico aberto, e aquela conhecida como orla da Baía de Todos os Santos, de águas mais calmas, compostas por penínsulas, enseadas, ilhas.

Souza (2011) desenvolveu sua dissertação de mestrado na área da Geografia, tematizando as representações criadas e transmitidas dos espaços litorâneos, tendo como recorte a parte do litoral de orla oceânica de Salvador entre Porto da Barra e a praia de Ipitanga. Para o autor, embora as primeiras décadas do século XX tenham sido aquelas em que se inicia uma frequência maior às praias, foi o período de pré-metropolização (entre 1945-1969) responsável pela valorização inicial da orla Oceânica de Salvador, sendo ainda uma área de pouca densidade.

No campo da arquitetura, Andrade (2015) também investiga as práticas praianas no Porto da Barra, em Salvador. O autor lança mão em parte de sua dissertação de reconstruir o interesse histórico pelo litoral, e identifica a praia da Barra como pioneira no sentido terapêutico, recreativo e esportivo. Era um ponto estratégico por ser um porto natural, na fronteira entre o litoral atlântico e a Baía de Todos os Santos.

Thales de Azevedo (1988) corrobora com vanguardismo da Barra e identifica as representações do “novo” espaço litorâneo, alinhado com ideias de modernidade e civilidade do período:

O banho de mar na Barra, àquela hora, dava à Bahia fulgurações momentâneas de terra civilizada, de terra que veste *maillot* e anda de automóvel, uma Copacabaninha ainda um tanto medrosa, a temer talvez a eterna vigilância do forte de Santa Maria, mas que já põe à vela bons dois palmos de pernas supra joelhal. O banho ali é sempre delicioso, tonificante, rejuvenescedor, não só pelas suas qualidades terapêuticas, mas, principalmente pelas extraterapêuticas, não só pelas qualidades marítimas, mas especialmente pelas maritais (AZEVEDO, 1988, p.9).

O litoral da cidade de Fortaleza como recorte geográfico, destacaram-se alguns trabalhos, nas áreas de sociologia, antropologia, geografia e, mais timidamente, na história. Em *Mar a Vista*, o geógrafo Eustógio Dantas (2002) tem como problema central a mudança do caráter da cidade de Fortaleza em relação ao litoral no decorrer do século XX. De cidade litorânea-interiorana para litorânea-marítima, de Capital do Sertão para Cidade do Sol, este é o movimento que o autor identifica na cidade. No Ceará colonial, o sertão já se sobrepunha do ponto vista tecnológico, natural e simbólico, frente ao litoral, sediando no interior a maior parte das atividades econômicas do estado, ainda dependente administrativamente da capitania de Pernambuco.

Foi apenas no início do século XIX, quando Ceará torna-se político e administrativamente independente de Pernambuco e quando há a abertura dos portos brasileiros para além da metrópole, que Fortaleza se colocaria estrategicamente como canal para o exterior. Ainda que ressalte Dantas (2002, p.24) “sem abdicar herança proveniente de quadro simbólico do sertão”. Esses eventos, junto a ascensão da produção algodoeira no estado, seriam possibilitadores necessários da construção da dominação do litoral sobre o sertão na visão do autor, em especial graças ao porto da cidade de Fortaleza.

O final do processo de transformação do caráter de Fortaleza em cidade litorânea-marítima só ocorreria no final da década de 1980. No entanto, para o autor, foi já nas décadas de 1920 e 1930, recorte temporal delimitado pelo artigo, que teria se iniciado timidamente a incorporação inicial das zonas de praia a partir da Praia de Iracema. A forma como o Dantas (2002) trata esse período, designado por ele como

inicial no processo de integração das zonas de praia à cidade, e mais que isso, nas mudanças na mentalidade da população em relação ao litoral, é ainda pouco trabalhada.

Atribuindo causas predominantemente economicistas para a aproximação com o litoral, a terapêutica só aparecendo timidamente em relação aos banhos de mar realizados pelas classes abastadas, deixa-se de lado o sentido multifacetado que as várias práticas e usos do espaço litorâneo manifestavam, não se restringindo a uma classe (embora conflitos de classes ali se efetivassem). São exemplos de práticas que atribuem sentidos totalmente inéditos para a praia: os esportes náuticos, em especial as corridas de jangadas e provas a nado, sejam institucionalmente organizados ou de caráter mais espontâneo, como demonstraram as investigações de Nara Montenegro (2020), em *A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946): novos modos de se educar e de se divertir*.

Ainda que não seja comparável a transfiguração pela qual a cidade passa na década de 1980 e 1990, caracterizada pela ampla valorização do turismo e do mercado imobiliário nas zonas da praia, com o que ocorreu entre as décadas 1920 e 1940, é neste último período que já se pode falar num interesse difundido entre a população local pelo litoral. Apesar de não ser o suficiente para que a totalidade dos grupos abastados ou a população como um todo se tornasse desejosa por residir nas zonas da praia, é a partir da década de 1920 e 1930 que o ambiente litorâneo se consolida como um local de sociabilidade, de encontro e de conflitos para a maior parte da população, em que interesses relacionados à saúde, à beleza, ao divertimento e à cultura física se agregaram ao sentido anterior e ainda existente de trabalho, evidenciado principalmente pelas atividades pesqueiras e portuárias (MONTENEGRO, 2020).

No campo da sociologia, destacamos o trabalho de Solange Schramm (2001), *Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema*. Esta pesquisa de mestrado centra-se no uso de uma memória coletiva de um grupo específico para legitimar a construção simbólica da tradição do bairro e da Praia de Iracema, objetivando, portanto, estabelecer uma relação entre memória e produção do espaço urbano. Na busca por identificar as identidades que perpassam a memória do bairro da Praia de Iracema, Schramm (2001) aponta quatro momentos que se consolidaram na tradição do bairro, são eles: romantismo e sociabilidade refinada, entre as décadas de 1920 e 1940; boêmio e seresteiro, entre as décadas de 1950 e 1960; rebeldia e boemia intelectualizada, entre 1970-1980; e década de 1990 em diante, com o lócus do lazer e do turismo.

A crítica que a autora articula está em torno da cristalização dessas tradições, que elevam o bairro, até os dias atuais, ao sentido de bairro boêmio e cultural através de ações governamentais e investimentos do setor privado. Conforme as análises de Schramm (2001), essa compreensão acerca do bairro obscurece “a existência de outros grupos e de outras memórias” (p.96). A institucionalização de uma memória única, portanto, é uma crítica importante que a autora tece: “A partir do uso conveniente de referências passadas, pode-se afirmar que, para legitimar a nova ordem, houve a institucionalização de uma memória, referendada por um discurso que aparentando ser consensual, dilui os conflitos e dissimula relações de poder” (SCHRAMM, 2001, p.96).

Cabe ressaltar que outros trabalhos, ainda que não considerados ao levantamento aqui proposto, uma vez que seus recortes compreendem período após o limite de 1950, devem ser mencionados por abordarem em capítulos ou excertos a importância desse período. Em João Pessoa, destaca-se a pesquisa de Thaise Gambarra (2012) a respeito

da construção imagética e a transformação do território da praia de Tambaú, entre as décadas de 1950 e 1970.

No Ceará, identificou-se a pesquisa de Roselane Bezerra (2008) sobre os discursos e apropriações dos espaços do bairro da Praia de Iracema, em especial as representações simbólicas saudosistas - seu recorte, entretanto, dá-se após intervenções urbanísticas na década de 1990. No campo da geografia, Alexandre Pereira (2006) desenvolveu dissertação sobre o litoral de Aquiraz nas décadas de 1970 e sua tese de doutorado, uma pesquisa mais ampla em que evidencia aspectos da historicidade da vilegiatura em Salvador, Recife, Fortaleza, Natal, bem como os segmentos sociais que participam da disseminação dessa vilegiatura, sua infraestruturação do território litorâneo e aspectos do interesse privado na produção imobiliária e padrão locacional desse litoral de capitais do Nordeste<sup>10</sup> (PEREIRA, 2012).

Entre distanciamentos e aproximações, esse conjunto de pesquisas aqui reunidos vão destacar aspectos específicos, motivados por suas delimitações geográficas, temporais e modelos teórico- metodológicos. São estudos que nos apresentam diversas dimensões temáticas que suscitam a pesquisa do espaço litorâneo: a distinção, o prazer, a cura, a beleza, a memória, a imigração, o divertimento, as desigualdades, a urbanização, a natureza, o turismo, dentre outras.

A análise proposta por este artigo nos ajuda não só a construir um cenário do que já foi feito no campo das ciências humanas a respeito do tema, mas apresentar possível aproximações e distanciamentos. O nosso olhar recaiu sobre a conformação de novos sentidos atribuídos ao litoral, sentidos diferentes ou distantes do tradicional, isto é, a

---

<sup>10</sup> A partir da década de 1980, sobretudo, as capitais nordestinas são tomadas por uma intensa valorização do turismo e do mercado imobiliário nas zonas da praia. Afim de compreender e analisar este fenômeno, há um amplo interesse de pesquisas nas áreas de Ciência Sociais, Arquitetura e Urbanismo e Geografia por este período.

emergência de representações a respeito do litoral e práticas associadas ao divertimento, à educação e à saúde, e não mais unicamente do trabalho, da pesca, da subsistência e do transporte.

### **Considerações Finais**

A maior parte das pesquisas possuem uma importante referência bibliográfica comum: a obra do historiador francês Alain Corbin *Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*, com exceção de Thales de Azevedo, que publicou seu ensaio no mesmo ano que Corbin publicaria a obra em francês, em 1988. O livro *Território do Vazio* tem como objeto as formas inéditas de sentimentos e de relacionamento entre os sujeitos e as praias.

Na obra Corbin (1989) se expressa de diversas maneiras sobre sua problemática, mencionando um “despertar do desejo coletivo das praias” (p.65); na penetração do litoral “no horizonte dos atrativos” (p.72); na “emergência de um prazer e suas modalidades” (p.299); em outros momentos, utiliza-se de expressões mais categóricas, como a genealogia de uma “praia moderna” (p.298) ou simplesmente “invenção da praia” (p.82). As obras aqui analisadas, em diferentes medidas, tem como problemática ou contexto central estas mudanças nas praias e balneários no cenário do litoral de cidades brasileiras, elaborada em recortes geográficos específicos, do nordeste ao sul do país.

Como foi apresentado, algumas pesquisas no campo das ciências humanas produzidas no Brasil, debruçaram-se especificamente sobre a temática do litoral ressignificado para fins higiênicos, de cura e de divertimento. Há ainda outras pesquisas que embora não tenham como problemática central essas mudanças que se operaram no

litoral, dão importância a este contexto em suas análises, são eles: *A invenção de Copacabana*, em que O'Donnell (2013) tem como problema a formulação e a permanência do símbolo de distinção associado ao bairro litorâneo de Copacabana; as pesquisas de Victor Melo (1999, 2001, 2015) sobre a formação de um campo esportivo institucionalizado das modalidades de remo e natação no litoral do Rio de Janeiro; e Freitas (2014) sobre construção das memórias acerca de sujeitos de camada populares no bairro-balneário do Cassino, no Rio Grande do Sul, tendo como recorte analítico as práticas de divertimentos.

As outras, contudo, compartilham de uma problemática similar: a conformação de novos sentidos atribuídos ao litoral num dado período. A maioria delas, por exemplo, vai assumir que se operou no litoral um distanciamento ou uma ruptura em relação ao seu sentido anterior militar, de pesca e de transporte, respeitando as especificidades de cada recorte geográfico e temporal. Algumas expressões que aparecem nas problemáticas, nos objetivos ou nos títulos vão evidenciar isso: “Desejo coletivo de estar à beira-mar”, em Ferreira (1998), pressupondo que anteriormente não haveria esse desejo coletivo; “mudança no imaginário social (...) em relação ao litoral” (p.23), em Schossler (2013); “Praia como espaço de sociabilidade”, em Azevedo (1988); “consolidação de uma forma predominante da coletividade usufruir praias e mares” (p.15), em Araújo (2007); “A invenção da praia de Santos”, em Terra (2016), expressão talvez mais drástica de ruptura, do vazio a uma criação.

A partir de perspectiva distintas, bases teóricas variadas e enfoques diversos, as pesquisas, aqui analisados, demonstraram que entre o final do século XIX e início do século XX, uma mudança significativa de subjetividade, de emoções se opera a respeito da paisagem litorânea e do contato mais íntimo e prazeroso com ela. Essa transformação

modificou não só o “sentir”, mas também toda uma estrutura urbana, arquitetônica e turística dessas cidades, que se alastram na costa brasileira até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. **O espaço público da praia**: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2015.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 216p. Dissertação (mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.1989.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **As praias e os dias**: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife, PE: Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

AZEVEDO, Thales de. **A praia**: espaço de sociabilidade. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1988.

BEZERRA, Roselane Gomes. **O bairro praia de Iracema entre o “Adeus” e a “Boémia”**: usos, apropriações e representações de um Espaço Urbano. 2008. 231f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CAMARGO, Haroldo. **Um pré-história do turismo no Brasil**: recreações aristocráticas e lazers burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador (Entrevista concedida a Laurent Vidal). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n.49, p. 11-3, 2005.

DANTAS, Eustógio W. C. **Mar à vista**: estudo sobre a maritimidade de Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

ENKE Rebecca. **Balneário Villa Sequeira - A invenção de um novo lazer (1890-1905)**. Rio Grande, RS, Brasil. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2005.

ENKE Rebecca. **O Espetáculo do Mar**: História social da Estação de Banhos Villa Sequeira/Cassino (1885-1960). Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, 2013.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora das Águas, 1998.

FERREIRA, Felipe N. **Ao sul do sul o mar também é pampa**: sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2012.

FREITAS, Gustavo. **Práticas de divertimento no Cassino/RS em meados do século XX**: a produção de um outro espaço no encontro com os infames. 141p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. 2014.

FREYRE, Gilberto. **O Nordeste**: aspectos da influência da Cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Inglezes no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida a paisagem e a cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 2000.

GAMBARRA, Thaise. **A invenção da Praia**. A construção imagética na transformação do território da praia de Tambaú, João Pessoa - PB: 1950-1970. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia, 2012.

MARINO, Carlos Eduardo Collet. **Ócio, lazer e distinção. Vilegiatura marítima e a invenção do Guarujá (1893-1913)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade “sportiva”**: o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849 –1903). 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) –Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: o turfe e o remo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890). **Rev. Hist.** (São Paulo), n.172, p.299-334, jan-jun, 2015.

MONTENEGRO, Nara Romero. **A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946)**: novos modos de se educar e de se divertir. 160 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2020.

MORAES, Cláudia. **A educação do corpo à beira-mar**: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1840-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **Veraneio marítimo e expansão metropolitana no Ceará**: Fortaleza em Aquiraz. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, 2006.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A urbanização vai a praia**: contribuições da vilegiatura a metropolização do nordeste do Brasil. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, 2012.

PINHEIRO, Maria Terezinha G. **A fundação do balneário Cassino ao final do século XIX e sua expansão e transformação no decorrer do século XX**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geociências, UFSC. Florianópolis, 1999.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro, RJ: Versal, 2004.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiáí, SP: Paco, 2013.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. **Território livre de Iracema**: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema. 2001. 176f. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2001.

SOARES, Carmen Lucia. (org.) **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. 1. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2016.

SOUZA, André Nunes de. **Orla oceânica de Salvador**: um mar de representações. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2011.

TERRA, Vinicius. A invenção da praia de Santos (1880 – 1940). *In*: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016. p.205-238.

#### **Endereço da Autora:**

Nara Romero Montenegro  
Endereço eletrônico: n147481@dac.unicamp.br